

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DAIANE ZUCHI DE ALMEIDA  
JÉSSICA DA PAIXÃO RODRIGUES

COMPOSIÇÃO DE ESPAÇOS E MATERIALIDADES PARA E COM OS BEBÊS EM  
INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: contribuições da produção científica no  
período de 2018 a 2022.

CHAPECÓ  
2023

DAIANE ZUCHI DE ALMEIDA  
JÉSSICA DA PAIXÃO RODRIGUES

COMPOSIÇÃO DE ESPAÇOS E MATERIALIDADES PARA E COM BEBÊS EM  
INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: contribuição da produção científica no  
período de 2018 a 2022.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
curso de Pedagogia da Universidade Federal da  
Fronteira Sul (UFFS) como requisito para  
obtenção do título de licenciado em Pedagogia.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Andréa Simões Rivero

CHAPECÓ  
2023

DAIANE ZUCHI DE ALMEIDA  
JÉSSICA DA PAIXÃO RODRIGUES

COMPOSIÇÃO DE ESPAÇOS E MATERIALIDADES PARA E COM BEBÊS EM  
INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: contribuição da produção científica no  
período de 2018 a 2022.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 19/12/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **ANDREA SIMOES RIVERO**  
Data: 04/01/2024 00:12:57-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Simões Rivero – UFFS**

**Orientadora**

Documento assinado digitalmente  
 **ROSELI NAZARIO**  
Data: 27/12/2023 14:19:51-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roseli Nazario – IFC**

**Avaliadora**

Documento assinado digitalmente  
 **LISAURA MARIA BELTRAME**  
Data: 29/12/2023 14:22:11-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lisaura Maria Beltrame – UFFS**

**Avaliadora**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>2. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES À TEMÁTICA .....</b>	<b>6</b>
<b>3. PERCURSOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>11</b>
<b>4. DISCUSSÕES E ANÁLISES DAS CATEGORIAS.....</b>	<b>15</b>
4.1 O que as autoras entendem por espaços e materialidades .....	15
4.2 A construção do planejamento das educadoras, a partir de uma percepção da importância dos diferentes espaços para e com os bebês .....	22
4.3 O espaço, as interações e o brincar dos bebês. ....	25
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>30</b>

**COMPOSIÇÃO DE ESPAÇOS E MATERIALIDADES PARA E COM BEBÊS EM  
INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL:**  
contribuição da produção científica no período de 2018 a 2022.

*Daiane Zuchi de Almeida*

*Jéssica Da Paixão Rodrigues*

**RESUMO:**

O objetivo do presente artigo é analisar a produção científica a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no período de 2018 a 2022 e mapear as suas contribuições sobre os espaços e as materialidades que são destinados aos bebês no espaço de creche. O objetivo geral da pesquisa é analisar a produção científica que trata da organização dos espaços e materialidades ofertadas aos bebês em instituições de Educação Infantil, tendo como objetivos *específicos*: realizar um levantamento da produção científica no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (2018 a 2022) sobre a organização dos espaços e materialidades ofertadas aos bebês em instituições de Educação Infantil; sistematizar as discussões teórico-práticas sobre espaços considerados apropriados para bebês em instituições de educação infantil; situar as concepções/conceitos de espaço e materiais/materialidades que as pesquisas revelam; refletir sobre os indicativos dessa produção para o processo educativo-pedagógico com bebês nas instituições de Educação Infantil. Deste modo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e utilizou-se do processo metodológico da análise de conteúdo para realizar a unitarização e categorização das análises. Através deste método definimos 3 categorias emergentes, sendo elas: 1ª O que as autoras entendem por espaços e materialidades; 2ª A construção do planejamento das educadoras, a partir de uma percepção dos diferentes espaços para e com os bebês; 3ª O espaço, as interações e o brincar dos bebês. Ao realizar as análises, observamos que os achados das pesquisas convergem em torno dessas temáticas, e enfatizam a importância de planejar espaços para e com os bebês para potencializar seu desenvolvimento integral, experiências e aprendizagens.

Palavras-chave: Espaços; Materialidades; Bebês; Interações.

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu da inquietação de duas futuras pedagogas em relação à organização dos espaços pedagógicos, em especial acerca dos ambientes voltados para os bebês. Como estudantes de Pedagogia nos inserimos em instituições de educação infantil por meio de estágios não obrigatórios, durante os quais observamos que os Centros de Educação Infantil do município de Chapecó - SC, possuem grupos de crianças na faixa etária de 0 a 3 anos do seguinte modo: bebês (0 a 2 anos) e crianças bem pequenas (2 a 3 anos). A organização dos espaços e materialidades não parece ser um dos focos do planejamento da ação docente no cotidiano desses grupos, por este motivo, ao analisar o cenário atual da educação infantil em nosso município, sentimos a necessidade de abordar essa temática em nosso trabalho de conclusão de curso.

Faz-se necessário ressaltar na introdução deste trabalho o fato de que por muito tempo, os bebês foram desconsiderados como seres sociais com uma linguagem própria e capazes de interagir com o outro e com o mundo ao seu redor, sendo limitados em suas ações de exploração dos espaços, novas experiências e aprendizagens, configurando-se como algumas das formas de não reconhecimento de seus direitos, como o direito à liberdade, à confiança, ao respeito, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças, que lhe são assegurados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação Infantil - DCNEI (2009, p.18). Os contextos socioculturais, nos quais se inserem as(os) profissionais de educação infantil construíram historicamente uma visão não só sobre infância(s) e criança(s), mas sobre as instituições de educação infantil, e de modo mais acentuado em relação às crianças das camadas populares, como um lugar de guarda em que as crianças permanecem enquanto seus pais e mães trabalhavam. Tal visão provém de um longo processo histórico, iniciado no final do século XIX no Brasil, em que a função das creches pautava-se no “cuidar” em uma perspectiva higienista, compensatória, de intervenção e regularização. (Corsino, 2006)

Atualmente, no entanto, as concepções sobre bebês e sua educação em contextos coletivos vêm mudando, pesquisas recentes buscam refletir sobre os espaços voltados para esses sujeitos e assim os reconhecendo como sujeitos de direitos. Sendo assim, de acordo com Corsino (2006) o processo educativo na primeira infância, quando contextualizado em espaços coletivos de educação e cuidado, precisa ser estimulante, exploratório, convidativo e ao mesmo tempo participativo, para que as crianças se desenvolvam e se humanizem numa perspectiva emancipatória. Os espaços, portanto, precisam oportunizar a autonomia para a realização de

interações e brincadeiras diversas, considerando-se as especificidades etárias, as singularidades e também elementos da localidade ou cultura das crianças.

Compreendemos que para a construção de uma Educação Infantil de qualidade, as condições para a organização do espaço físico são um dos aspectos centrais, além de outras discussões e interfaces que devem ser consideradas, como ressalta a autora:

A proposta de uma Educação Infantil de qualidade inclui uma série de fatores, que vão das políticas públicas para a infância às **condições físicas dos equipamentos e materiais educativos**. Inclui, ainda, a formação de profissionais, a **organização do tempo e do espaço institucionais**, as ampliações de experiências, de produção e apropriação de conhecimentos, os vínculos afetivos, o clima institucional e as inúmeras interações que a instituição favorece para crianças, adultos e comunidade. Os processos interativos que ocorrem nas instituições de Educação Infantil – entre crianças e adultos, entre adultos e adultos, das crianças entre si, das crianças e os diferentes contextos sócio-histórico-culturais e naturais etc. –, são determinantes para ampliar e promover o desenvolvimento infantil. (Corsino, 2006, p.6. Grifos nossos.).

Para que isto ocorra é necessário pensar em uma educação transformadora, que faça com que a Educação Infantil tenha uma nova “cara” e isto implica em considerar a organização de tempos e espaços como um elemento fundamental para a promoção do desenvolvimento integral das crianças.

O brincar dos bebês encontra-se em uma dimensão ainda mais tênue, pois aquilo que parece uma simples repetição, o olhar ou apontar, o imitar ou a interação com diferentes materiais ou com o outro, possibilita uma apropriação rica e complexa evidenciando seus modos de agir e estabelecer relações sociais. E, nesse sentido, ganha destaque a oferta de materialidades diversas, como ressalta Rodrigues (2021, p.4):

O brincar aponta para a forma como os bebês jogam com aspectos materiais e simbólicos, sendo necessário compreender as brincadeiras como práticas situadas culturalmente, temporalmente e socialmente. Do mesmo modo, a matéria também provoca mudanças no brincar, mobilizando sentidos produzidos no próprio ato de brincar. A continuidade das brincadeiras assim como sua transformação a partir da entrada de outros bebês e materialidades tornam-se visíveis ao interpretarmos ritmos, pausas e recomeços a partir da perspectiva dos bebês.

Nessa perspectiva, o espaço pedagógico é pensado e formulado pelas(os) profissionais, considerando os processos e perspectivas dos bebês que ali estão atuando, indicando que precisamos fazer as mudanças necessárias para que haja continuidade, ampliação e diversificação de suas interações.

O acesso a diferentes materialidades, ofertados pelas instituições e produzidos pelas(os) próprias(os) docentes com diferentes materiais visa instigar a curiosidade e proporcionar uma

maior interação dos bebês com o espaço, pois, como destaca Rodrigues (2021) através de suas vivências o ambiente é ressignificado se tornando um local de convivência, pertencimento e memórias.

Às professoras e professores que forem atuar com os grupos de bebês cabe o desafio, juntamente com a equipe pedagógica, de proporcionar a eles espaços pedagogicamente pensados para o seu desenvolvimento integral, partindo do princípio de que são sujeitos que agem e se expressam de modos peculiares, próprios dessa fase da vida, que se traduzem em desejos, necessidades e curiosidades em explorar o mundo.

Diante do exposto, nossa pesquisa tem por finalidade realizar um levantamento da produção teórica da área da educação infantil sobre espaços e/ou ambientes considerados apropriados aos bebês, com a intenção de ampliar a compreensão sobre uma docência com bebês que contribua para a sua autonomia e protagonismo nas interações e no brincar, no explorar e vivenciar estes espaços, em que a mediação é compreendida e percebida como algo que possibilita ampliações e não intervenções de cunho adultocêntrico sobre suas ações.

Portanto, nosso *objetivo geral* é analisar a produção científica que trata da organização dos espaços e materialidades ofertadas aos bebês em instituições de Educação Infantil. A pesquisa bibliográfica de cunho exploratório qualitativo será realizada na base de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) nos últimos cinco anos (2018-2022), tendo como *objetivos específicos*: realizar um levantamento da produção científica no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (2018 a 2022) sobre a organização dos espaços e materialidades ofertadas aos bebês em instituições de Educação Infantil; sistematizar as discussões teórico-práticas sobre espaços considerados apropriados para bebês em instituições de educação infantil; situar as concepções/conceitos de espaço e materiais/materialidades que as pesquisas revelam; refletir sobre os indicativos dessa produção para o processo educativo-pedagógico com bebês nas instituições de Educação Infantil.

A seção a seguir, corresponde às primeiras aproximações à temática, em que de modo introdutório e por meio de reflexões realizadas sobre os textos de alguns autores de referência da área da educação infantil constrói-se o referencial que dá a base teórica e credibilidade à pesquisa, seguido da seção sobre o percurso metodológico, onde se descreve o caminho percorrido, fazendo menção ao primeiro momento de busca de trabalhos na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), e na sequência à busca no acervo da CAPES devido à escassez de trabalhos sobre a temática.

## 2. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES À TEMÁTICA

De acordo com o dicionário, o termo *espaço*<sup>1</sup> é definido como uma “Extensão tridimensional ilimitada ou infinitamente grande, que contém todos os seres e coisas e é campo de todos os eventos.”

Segundo Sodré e Santana (2019) pensar a discussão de temas relacionados aos espaços da educação infantil para crianças menores é de grande relevância, afinal, por um longo período essas crianças não foram vistas como parte integrante da sociedade e tiveram seus direitos obstruídos, sendo esta uma das razões pelas quais a infraestrutura não era e em muitos casos continua a não ser adequada para elas.

A partir de 1996, com a criação da Lei de Diretrizes e Bases, a conhecida LDB 9.394/96, a educação infantil passa a ser responsabilidade do Estado e as crianças brasileiras conquistam esse direito. Com a criação desta Lei o país direciona um novo olhar para a educação infantil, que passa a ser considerada uma etapa importante para o desenvolvimento da criança perante a sociedade. Após a aprovação da LDB, que é vista como o pontapé inicial para a educação infantil brasileira, surge uma grande leva de documentos, cuja função é estabelecer as condições mínimas que os ambientes das instituições de educação infantil necessitam para se adequar aos parâmetros oficiais.

De acordo com uma tabela formulada por Sodré e Santana (2019) ocorre a formulação de vários documentos vinculados a educação infantil, a fim de estabelecer como seria a estrutura dos ambientes escolares como o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), as Diretrizes Operacionais para a Educação Infantil (2000), o Plano Nacional de Educação (PNE, 2001), a Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de 0 a 6 anos à educação (2006), os Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças (2009), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010), Brinquedos e Brincadeiras nas Creches: manual de orientação pedagógica (2012) e o Plano Nacional de Educação (2014). Mesmo com todos esses documentos oficiais, que representam importantes avanços, quando se adentra as instituições encontra-se realidades distanciadas do que está proposto neles. Essa situação é descrita no trabalho das autoras:

---

<sup>1</sup> A definição do termo foi retirada do dicionário *on line* Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=jLZo>. Acesso no dia 21 de agosto de 2022.

[...] este estudo denota que os espaços ou ambientes da Educação Infantil não estão sendo organizados de acordo com o interesse das crianças, de modo a favorecer a brincadeira, o movimento, entre outras linguagens específicas delas. As crianças convivem com escolas adaptadas ou construídas sob uma perspectiva adultocêntrica, em que elas precisam se adaptar, sem áreas abertas e elementos da natureza. Constatamos que as indicações dos documentos oficiais publicados pelo MEC para a infraestrutura e a organização dos espaços nessas instituições continuam sendo ignoradas, tanto pelo poder público, que não assegura infraestrutura adequada para as creches e pré-escolas, quanto pela própria instituição, que não busca organizar esses espaços conforme o interesse ou as necessidades das crianças. Por fim, cabe destacar que os espaços dentro e fora de sala, na maioria das vezes, são organizados de modo que as crianças não tenham acesso aos brinquedos ou a atividades de movimento. (Sodré; Santana, 2019, p. 152)

Encontra-se uma perspectiva adultocêntrica na arquitetura e na organização dos espaços de nossas instituições, sem que os desejos e necessidades das crianças sejam levados em consideração, elas não têm suas vozes respeitadas e conseqüentemente enfrentam muitas barreiras para se sentir pertencentes a esses espaços.

Ao iniciar a pesquisa e as reflexões acerca deste tema um dos focos de nossa atenção são as concepções de *espaço*, assim procuramos compreender os modos como alguns autores e pesquisadores da área de educação infantil definem ou conceituam *espaço*.

Em uma publicação traduzida para a língua portuguesa no final da década de 1990, Forneiro (1998)<sup>2</sup> apresenta reflexões inovadoras sobre o espaço em instituições de educação infantil, na forma de 4 perguntas: O que é o espaço? Como deve ser organizado? Como os professores(as) e as crianças utilizam este espaço? Como e quem avalia? Para responder à primeira pergunta, primeiro devemos entender o conceito de espaço. O termo espaço refere-se ao espaço físico, ou seja, aos locais para a atividade caracterizados pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração. Nesta perspectiva, os espaços, sejam internos ou externos, devem ser multifuncionais, vistos e percebidos como um espaço de vida, onde acontecem interações, significações e ressignificações.

Para ampliar ainda mais a compreensão que temos de espaço, a autora nos diz que devemos perceber o espaço escolar como ambiente de aprendizagem, uma vez que, “*o ambiente contempla o conjunto do espaço físico e as relações que se estabelecem no mesmo, ou seja, os afetos, as relações interpessoais entre as crianças e adultos, entre crianças e sociedade em seu conjunto.*” (Forneiro, 1998, p. 232). Deste modo, o espaço é *o todo*, é um conjunto de dimensões físicas nas quais podemos perceber a importância dos materiais, das mobílias para a produção

---

<sup>2</sup> Termos utilizados por Forneiro (1998) como sala de aula, escola, alunos, entre outros, vem sendo problematizados na área de educação infantil. Denominações distintas destas, como *instituição de educação infantil, crianças e sala de referência do grupo*, têm sido propostas pela área, visando contemplar as especificidades da educação das crianças de 0 a 5 anos.

das relações e interações que acontecem, seja com o espaço, seja entre criança e adulto, seja entre criança e criança, ou as que acontecem simultaneamente entre espaço, criança e adulto ou espaço criança e criança.

Para organizar os espaços, segundo Forneiro (1998), deve-se pensar nos elementos que condicionam estes espaços, deve-se analisar o macro contexto (ambiente e espaço) e o micro contexto (sala de aula e espaços anexos). Sendo assim, devem ser consideradas as condições climáticas, a estrutura da escola (suas condições arquitetônicas, se existem espaços de uso coletivo das turmas de diferentes idades e seus espaços externos), se tem água ao alcance das crianças (seja para um contexto com água ou para higiene após uma atividade), a configuração da sala com todas as suas mesas, estantes, armários, vivências, interesses das crianças e a concepção que o professor(a) tem em relação ao espaço.

É necessário considerar a estrutura da instituição, o espaço da sala com suas mobílias e os demais espaços internos e externos, os materiais que serão propostos e como serão expostos. E ainda, se os espaços serão convidativos, se irão aguçar o interesse, a exploração e as vivências, se irão proporcionar novas aprendizagens, novas relações e novos significados às crianças. A partir das reflexões de Forneiro (1998) podemos compreender a importância de planejar a organização dos espaços a partir dos *princípios* que orientam as práticas educativas,

Antes de começar a planejar a organização do espaço da sala de aula, é preciso que o professor(a) reflita sobre os princípios básicos que devem reger a sua ação educativa e de que maneira podem concretizar-se na prática da sala de aula, projetando, assim, um ambiente de aprendizagem que seja coerente com a consecução de tais princípios. (Forneiro, 1998, p. 262).

As(os) professoras(es) trarão para os espaços seus valores, suas ideologias, suas necessidades, suas expectativas, toda a sua bagagem profissional e pessoal e isso ficará evidente na forma como estes espaços serão organizados.

Sabemos que estes espaços serão utilizados, vivenciados e explorados, pelos professores(as) e pelas crianças, e cada um deles irá trazer para aquele espaço as suas concepções, suas vivências, necessidades e emoções. Para abordamos a última pergunta de Forneiro (1998) - Como e quem avalia? - trazemos uma citação da autora:

Assim como em muitos outros aspectos do planejamento do ensino, também na organização do espaço é preciso que o professor(a) tenha uma atitude de observação que o mantenha informado da influência que o projeto do ambiente que está exercendo sobre a conduta das crianças e sobre a sua aprendizagem. Já que essa influência será exercida de qualquer forma, é necessário que o professor(a) tenha consciência da

mesma e a conheça em toda sua dimensão para poder atuar de acordo com a mesma. (Forneiro, 1998, p. 267).

Deste modo, o adulto deverá estar sempre observando as interações das crianças com os espaços/ambientes, os seus interesses e suas curiosidades, de tal modo que se tornem espaços vivos, que possam ser modificados e reestruturados. Para isso, deve analisar as interações estabelecidas, seja por meio de falas das crianças, seja por fotos e vídeos. Esse processo de observação e avaliação dos espaços visa o aperfeiçoamento das propostas pedagógicas, como explica a autora:

[...] a observação e a avaliação do espaço da sala de aula devem servir, também, para aperfeiçoá-lo de modo que responda melhor às nossas intenções educacionais e, quando houver necessidades, para reavaliar nossas próprias intenções educacionais. (Forneiro, 1998, p. 269).

Em pesquisa recente, Daniele Vieira (2018) aborda o conceito de *espaço-ambiente*, visto como:

[...] lugar onde se congregam as condições materiais e humanas do contexto educativo que influenciam as relações, estas derivadas das interações vividas pelos sujeitos – adultos e crianças. Constituído por um modo de organização proposto pelo adulto – da prática educativa e das determinações físicas da instituição –, o espaço-ambiente se transforma tanto quanto seja possível às crianças ressignificá-lo, desde seus próprios modos de agir, suas necessidades e interesses, demandas consideradas em novas composições apresentadas pela prática, sob uma atmosfera que se constrói dessas relações. (Vieira, 2018, p.163)

Ao ressaltar que é preciso modificar o espaço de acordo com as crianças que o estão frequentando a autora afirma que é importante que a criança faça parte do processo de construção do lugar, a fim delas também produzirem seus próprios conhecimentos e identidades considerando aspectos sociais e culturais dos contextos em que estão inseridas, deste modo torna-se possível aproximar este ambiente ao seu cotidiano considerando aquilo que as crianças propõe. Assim, faz-se necessário ressignificar o processo de cuidar-educar na educação infantil, no qual o ponto de vista da criança seja o ponto de partida e a busca por elementos que sejam relevantes e façam sentido para ela, sendo possível se aproximar das diferentes realidades encontradas na instituição de educação infantil por meio da observação das expressões, movimentos e linguagens empregadas por elas, favorecendo a aproximação da criança com o espaço e os materiais a fim de proporcionar um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. (Vieira, 2018)

Para finalizar, é importante assegurar que os Direitos das crianças sejam concretizados, que elas possam crescer e se desenvolver em ambientes pensados para e com elas, onde elas se sintam membros da sociedade e da construção de espaços acolhedores, pressupondo que grande parte de sua infância será vivida em instituições de educação infantil. Ressaltamos aqui que construir um olhar atento aos bebês, que se expressam por meio de linguagens de difícil compreensão para os adultos, é um trabalho árduo, que exige muito das(os) profissionais, mas também é instigante. Quando pensamos em um ambiente para esses sujeitos, é preciso que haja lugares para explorarem e ao mesmo tempo estarem seguros, o que exige uma atenção aos perigos que o ambiente pode apresentar. Assim, possibilitando que tenham liberdade para descobrirem o novo através de seus sentidos e experimentações, proporcionamos que se sintam pertencentes ao lugar em que estão inseridos.

Muitas são as reflexões que surgem ao nos conscientizarmos sobre a importância de pensar os espaços desde o planejamento, e que bom que surgem novas reflexões, assim é possível que este tema esteja sempre nos instigando a refletir sobre os espaços, sua organização e como serão experienciados, apropriados e significados pelas crianças.

### **3. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Nosso trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório (GIL, 1991), que se iniciou ao dialogarmos sobre a necessidade de ampliar nossos conhecimentos sobre bebês e os espaços a eles destinados em contextos de educação infantil.

No processo de definição do tema realizamos algumas leituras e, logo após as primeiras orientações, iniciamos uma busca nos Anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)<sup>3</sup>, mais especificamente no Grupo de Trabalho de Educação de Crianças de 0 a 6 anos (GT07)<sup>4</sup>, com a intenção de localizar e conhecer a produção teórica sobre o assunto, apresentada nas últimas 6 reuniões anuais, ou seja, da 35<sup>a</sup> à 40<sup>a</sup> reunião.

---

<sup>3</sup>A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), é uma entidade sem fins lucrativos que congrega programas de pós-graduação stricto sensu em educação, professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores da área. A Associação tem por finalidade o desenvolvimento da ciência, da educação e da cultura, dentro dos princípios da participação democrática, da liberdade e da justiça social. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sobre-anped>. Acesso: 06 de dezembro de 2023

<sup>4</sup>O “Grupo de Trabalho Educação de Crianças de 0 a 6 anos (GT07)” da ANPEd, reúne um conjunto de produções científicas, políticas e militantes em defesa da educação das crianças. Sua organização traduz o movimento histórico da identidade deste GT: um campo interdisciplinar que agrega pesquisadores comprometidos e pesquisadoras comprometidas com as questões políticas e educativas que dizem respeito às crianças. Um campo

Para realizar esse primeiro levantamento definimos os seguintes descritores de busca: Educação Infantil; Berçário; Bebês; Espaço; Organização dos espaços; Materialidades. Localizamos nos títulos e/ou nas palavras-chave dos trabalhos apresentados nas Reuniões da ANPEd, um total de doze trabalhos que pesquisaram Bebês.

Em um segundo momento fizemos a leitura dos resumos expandidos com a intenção de identificar trabalhos que contemplassem nosso objeto de estudo: a organização de espaços destinados aos bebês, bem como as relações estabelecidas entre eles nos espaços institucionais. Encontrou-se apenas 1 trabalho, intitulado “A creche como um lugar para e dos bebês: uma reflexão sobre suas ações e a(s) materialidade(s)” de autoria de Ana Julia Lucht Rodrigues (2021), apresentado na Reunião da Anped realizada no ano de 2021, em Belém do Pará.

Nossa intenção inicial precisou ser reconsiderada, devido ao fato de termos localizado apenas 1 trabalho que contemplasse nosso objeto de estudo e, a partir disto, decidimos realizar uma pesquisa de levantamento bibliográfico, focalizando as produções teóricas sobre espaços e materialidades destinados aos bebês, na base de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), desenvolvidas nos últimos cinco anos. Uma busca preliminar foi feita nessa base de dados utilizando como descritores de busca: Educação Infantil; Berçário; Bebês; Espaço; Organização dos espaços; Materialidades.

Localizamos, a partir dos títulos e/ou palavras-chave das teses e dissertações encontradas na base de dados da CAPES, no período de 2018 a 2022, um total de *9 trabalhos* sobre a temática investigada, sendo *1 tese e 8 dissertações*.

Após realizarmos a análise dos resumos e das introduções dos trabalhos selecionados, notamos que alguns, apesar de citarem as palavras-chave que buscávamos, não se aproximavam de nossas questões de pesquisa. Entre os trabalhos selecionados previamente, somente *6 dissertações* estavam de acordo com as nossas intenções de pesquisa.

Para dar visibilidade aos trabalhos encontrados, organizamos um quadro em que destacamos o título e a modalidade correspondente ao trabalho, autor(a), ano em que o trabalho foi publicado e a instituição da pesquisa, as palavras-chave ou descritores de busca.

### **Quadro 1- Dissertações**

---

que vem se afirmando como interlocutor crítico e propositivo em relação às políticas públicas e suas pautas sociais/educativas. Disponível em: <https://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho/gt07-educa%C3%A7%C3%A3o-de-crian%C3%A7-de-0-6-anos>. Acesso em: 06 de dezembro de 2023

<b>Título e modalidade do trabalho</b>	<b>Autor (a), ano do trabalho e instituição</b>	<b>Palavras-chave</b>
A RELAÇÃO ENTRE AS MATERIALIDADES E OS ASPECTOS ESTRUTURANTES NA DOCÊNCIA COM OS BEBÊS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS  (Dissertação de Mestrado)	EVANGELISTA, Lidiane Pereira (2021)  Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC	Bebês; Docência; Espaços; Materialidades
MATERIALIDADE(S) E OS BEBÊS: UM ESTUDO SOBRE SUAS AÇÕES E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DA CRECHE  (Dissertação de Mestrado)	RODRIGUES, Ana Julia Lucht (2020)  Universidade Federal do Paraná- UFPR	Pesquisa com bebês; Critérios de qualidade; Espaço; Creche; Materialidade
OS ESPAÇOS DOS BEBÊS NA CRECHE: CONTRIBUIÇÕES DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS BRASILEIRAS (2009-2018)  (Dissertação de Mestrado)	MASSON, Giseli Alcassas (2019)  Universidade Federal de São Carlos- UFSCar	Espaços; Bebês; Creches
ENCONTROS, TROCAS E INTERAÇÕES: POTENCIALIDADES DO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DE BEBÊS  (Dissertação de Mestrado)	LIMA, Aline Dayane dos Anjos (2019)  Universidade do Vale do Taquari (Comunitária)- UNIVATES	Bebês; Ensino; Ambiente de aprendizagem; Materiais; Construção do conhecimento
O QUE PENSAM AS EDUCADORAS E O QUE NOS REVELAM OS BEBÊS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL  (Dissertação de Mestrado)	SILVA, Viviane Dos Reis (2018)  Universidade Federal de Sergipe- UFS	Bebês; Creche; Educação Infantil; Espaços; Saberes Docentes
AÇÕES DOS BEBÊS EM DIFERENTES FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS EM UM AMBIENTE DE CRECHE.  (Dissertação de Mestrado)	MÁXIMO, Luciana Perpetuo (2018)  Universidade Estadual Paulista- UNESP	Ambientes de creche; Organização dos espaços; Ações dos bebês

Fonte: Quadro organizado pelas autoras a partir das teses e dissertações disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Iniciamos as análises realizando os fichamentos dos textos selecionados, para que deste modo pudéssemos conhecer os trabalhos, estudá-los e categorizar os achados das pesquisas. Organizamos os fichamentos de cada dissertação buscando os seguintes aspectos de cada produção: título da pesquisa, autor (a), ano de publicação, modalidade (tese ou dissertação), área do trabalho, universidade, palavras-chave, objetivos (geral e específicos), participantes ou sujeitos da pesquisa, local e contexto da pesquisa, abordagem teórico metodológica e os achados da pesquisa. Vale ressaltar que, não localizamos pesquisas que contemplassem a temática em estudo no ano de 2022.

Utilizou-se como referência a técnica da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2007), que é definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2007, p. 42).

A análise de conteúdo constitui uma metodologia que é utilizada para descrever e interpretar conteúdos de classe documental, verbal ou não verbal, como cartas, cartazes, fotografias, desenhos, filmagens e entrevistas, entre outros.

Na mesma direção e sintetizando diferentes descrições do processo da análise de conteúdo, Bardin (1977) e Moraes (1999) apresentam a metodologia por meio de cinco etapas: preparação, unitarização ou transformação do conteúdo em unidades, categorização ou classificação das unidades em categorias, descrição e análise/interpretação.

A etapa de preparação ocorreu no ano de 2022, quando realizamos o levantamento dos trabalhos, fizemos uma leitura compreensiva acerca das análises realizadas pelas pesquisadoras, elaboramos um fichamento do texto com o intuito de localizar nossas unidades de análise, ou seja, as contribuições que as pesquisas nos apresentavam com foco nos bebês.

Em seguida, iniciamos o processo de categorização, a fim de localizar convergências nas pesquisas, e também as nossas categorias emergentes a partir dos dados coletados, com base na unitarização realizada anteriormente. Deste processo surgem as nossas categorias, que estão descritas nas próximas seções deste trabalho, e as nossas análises e interpretações sobre os achados feitos pelas pesquisadoras.

#### **4. O QUE AS PESQUISAS NOS REVELAM ACERCA DOS ESPAÇOS E MATERIALIDADES PARA E COM OS BEBÊS?**

Ao realizarmos atentamente as leituras e análises dos trabalhos selecionados, construímos as categorias analíticas considerando nossos objetivos e outras contribuições encontradas nos trabalhos. Nesta seção, procuraremos dar visibilidade aos achados das pesquisas analisadas, em diálogo com o referencial teórico, ao apresentar as categorias elencadas, sendo elas: O que as autoras entendem por espaços e materialidades?; A construção do planejamento das educadoras, a partir de uma percepção da importância dos diferentes espaços para e com os bebês; O espaço, as interações e o brincar dos bebês.

##### **4.1 O que as autoras entendem por espaços e materialidades**

A creche constitui-se como um lugar de socialização, de convivência, de trocas e interações, de afetos, de ampliação e inserção sociocultural, de constituição de identidades e de subjetividades (Corsino, 2006, p.5)

Nossa primeira categoria está vinculada a um de nossos objetivos específicos, cujo foco estava em localizar as concepções/conceitos/perspectivas de espaço e materiais/materialidades revelados pelas pesquisas selecionadas, nesse sentido, procuraremos situá-las a seguir.

No texto de Máximo (2018) encontramos um debate sobre espaço baseado em Forneiro (1998), que destaca a importância de considerarmos o espaço como um ambiente que considera as necessidades e direitos das crianças, ressaltando também seus aspectos objetivos e subjetivos:

O espaço refere-se a aspectos mais objetivos ao passo que o ambiente envolve aspectos mais subjetivos, uma vez que carrega marcas dos sujeitos que o habitam, provoca emoções, evoca memórias afetivas, recordações, influencia modos de agir e relacionar, levando sempre à busca por sentidos. (Máximo, 2018, p.45)

Deste modo, compreende-se que os aspectos objetivos citados pela autora correspondem ao espaço físico, ao mobiliário, aos materiais, aos espaços da instituição como um todo. E quando a autora refere-se ao ambiente, relaciona-o às vivências, experiências, interações que acontecem no espaço, permeadas por emoções, sentimentos e acontecimentos, sendo as marcas e relações que os sujeitos estabelecem com o espaço.

Sobre os materiais a mesma autora compreende que:

Os materiais carregam implícitos determinada concepção de ensino e quando ofertados para as crianças indicam o tipo de ação, o tipo de atividade que será desenvolvida e a forma como a escola percebe as necessidades das crianças. Os materiais também podem facilitar diferentes tipos de interação entre as crianças, a estrutura pode sugerir um trabalho individual ou prover trabalhos em grupos. A localização e a disposição desses materiais no espaço indicam como se estabelecem as relações na sala, o fato de estar acessível ao alcance das crianças, a forma de organização desse material traz informações diferentes para o uso desse objeto. (Máximo, 2018, p.48).

Por meio desta citação é possível entender que o material vai muito além de um objeto sem sentido que é aleatoriamente oferecido aos bebês. Os materiais ofertados precisam ter uma intencionalidade, já que proporcionam interações e os bebês se expressam por meio dessas interações, nesse sentido, objetos variados desempenham um papel importante no desenvolvimento, ao propiciar diferentes ações e interações. (Máximo, 2018, p.138).

Silva (2018), salienta em sua pesquisa que a casa é o primeiro espaço onde a criança irá interagir e realizar descobertas e que, ao ser inserida na creche, essa instituição será o seu espaço de convívio, por vezes em período integral. Para a autora, a inserção da criança no espaço da creche precisa possibilitar que se torne um lugar, no sentido apontado por Nornberg (2013, p.2013) quando se refere ao berçário da creche: “como um lugar constituído para o *contato* humano e de *relação* com ele”(apud SILVA, 2018, p.26). Portanto, compreender o espaço como um lugar significa que precisa possibilitar novas descobertas aos bebês e isso ocorre pelas suas interações com outros bebês, com os adultos, com os materiais, seja de maneira individual, coletiva ou de ambas simultaneamente.

Para Silva (2018) a disponibilização de diferentes materialidades promove a interação das crianças e novas aprendizagens, potencializando suas capacidades cognitivas, psicológicas, físicas, sociais, intelectuais, expressivas e motoras.

Por meio da interação com materialidades diversas, propostas de forma intencional, os bebês fazem novas descobertas, explorações, experimentam novas vivências e desafios, que contribuem para ampliar seus movimentos e ações, favorecendo o seu desenvolvimento integral e aprendizagens. Por isso, é importante que as materialidades oferecidas aos bebês não sejam simplesmente expostas em um grande montante<sup>5</sup>, desconsiderando que ao interagir com os objetos o bebê comunica seus desejos e curiosidades, por meio de gestos, balbucios, olhares,

---

<sup>5</sup> Termo utilizado pela autora para evidenciar a presença em excesso de materiais/materialidades ofertados(as) aos bebês no ambiente de creche.

que nos mostram que esses sujeitos observam, agem e modificam as materialidades que estão a sua disposição.

Lima (2019) conceitua o espaço e o ambiente com base em Horn (2004), considerando que compreende a estrutura física de uma instituição, composta por seus móveis, salas, espaços para convivência e ornamentação, mas também salienta que pensar um espaço de educação infantil, principalmente para os bebês, requer um olhar atento sobre os diferentes aspectos que compõem o espaço, como a acessibilidade, a segurança, a liberdade que os bebês devem ter de transitar e, deste modo, se relacionar com as diferentes materialidades que ali estão. (Lima, 2019, p.21). A visão de ambiente, segundo a autora, “diz respeito ao conjunto desse espaço físico e às relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais dos indivíduos envolvidos nesse processo, ou seja, adultos e crianças”. Ainda, de acordo com a referida autora, citando Horn (2017, p.18), as subjetividades dos sujeitos representam um dos pontos centrais para a constituição do ambiente. (apud Lima, 2019, p.22)

Ao realizar entrevistas com professoras, a autora ressalta que uma das entrevistadas diz perceber “o ambiente escolar como um local fomentador de experiências para os bebês, logo, seus desejos, desde que não envolvam situações de riscos para a própria saúde, devem ser contemplados” (Lima, 2019, p. 55). A autora acrescenta que o espaço atrai o ambiente, ou seja, que um não existe sem o outro e vai além da sala, pois ambientes externos também potencializam as vivências e descobertas dos bebês, indicando que o ambiente só existe por meio das relações dos sujeitos que o integram.

Nessa direção, Masson (2019, p.27) afirma a importância de possibilitar aos bebês propostas pedagógicas nos espaços internos e externos:

Entende-se por espaços dos bebês nas creches, todos os locais internos e externos existentes em tais unidades escolares - sejam eles destinados à recepção, ao acesso, ao acolhimento, à alimentação, à higiene, ao descanso, à convivência, às brincadeiras, à movimentação ao ar livre, enfim, às mais variadas propostas pedagógicas - nos quais a interação com a cultura e a mediação dos pares mais experientes e dos adultos tornam possíveis a apropriação das funções psíquicas tipicamente humanas e a promoção de novas aprendizagens, as quais impulsionam o desenvolvimento dos bebês – sujeitos ativos na ação educativa - em suas múltiplas dimensões.

Portanto, para a autora o espaço é composto por todos os locais existentes na instituição, pois em todos eles acontecem interações e descobertas por parte dos bebês, sujeitos com autonomia que nos revelam os seus interesses. Na conclusão de suas análises, Masson descreve a emergência da temática do espaço externo como uma das convergências encontradas em suas análises sobre as produções científicas mais recentes:

Por fim, uma quarta convergência entre as produções científicas analisadas é a emergência da temática dos espaços externos, uma tendência nos trabalhos mais contemporâneos de problematizar a presença dos bebês nesses espaços. Quanto aos espaços externos, as problematizações das produções científicas giram em torno de três tipos de unidades escolares: aquelas onde os bebês ainda são invisíveis nesses espaços, não fazendo parte deles e ficando todo tempo dentro de suas salas, seja por uma concepção ainda higienista e assistencialista tanto de professores e demais educadores, como até mesmo de gestores que não permitem que assim se faça; aquelas unidades onde os bebês já utilizam o espaço externo, mas ainda de forma esporádica, com diferenciação entre espaço interno e externo, ainda não especificado na rotina; e por fim, aquelas unidades onde a utilização dos espaços externos pelos bebês já está arraigada e vinculada à rotina da escola, não havendo mais distinção entre espaços internos e externos, podendo ser vistos em todos os espaços cotidianamente. (Masson, 2019, p.126-127).

A problematização da presença dos bebês nos espaços externos na produção teórica recente, destacada pela autora, mostra que o direito a estar nesses espaços ainda é pouco assegurado às crianças pequenininhas, apesar do espaço externo oferecer a elas um rico leque de possibilidades.

Masson (2019) não discute o conceito de materialidade de uma maneira direta, mas indica que, nos textos analisados em sua pesquisa, o conceito de material está sempre vinculado ao espaço, seja por meio do mobiliário, dos brinquedos ou outros objetos que compõem aquele espaço. A autora ainda enfatiza que, ao conceber os bebês como sujeitos, as suas próprias ações podem colaborar no planejamento e organização, tanto dos espaços como dos tempos, agrupamentos, materiais e objetos nas práticas educativas da creche. (Masson, 2019, p.126).

Rodrigues (2020) também entende a intencionalidade em relação ao planejamento dos espaços baseando-se não apenas nas materialidades disponíveis e que os rodeiam, mas compreendendo os corpos dos bebês como materialidades, em que eles pelo movimento se apropriam do espaço.

A autora destaca que é disponibilizado aos bebês um montante de brinquedos cuja a matéria prima baseia-se em plástico e borracha, mas que as professoras também oferecem materiais de reuso, que anteriormente eram utilizados pelos bebês no momento de alimentação e passam a serem ressignificados, transformando-se em “brinquedos” e materiais pedagógicos e fazem com que os bebês explorem de outros modos estes objetos. Há também a oferta dos materiais não estruturados, que são provenientes de obras, como canos de pvc e rolos de papelão, esses objetos são oferecidos aos bebês nos ambientes destinados a eles. Rodrigues (2020, p.161) destaca que essas materialidades foram inseridas a partir da gestão atuante no ano da pesquisa e a partir disso “a entrada dessas novas materialidades e o valor que lhes foi atribuído provoca outras reflexões e uma revisão do sentido tradicional do “material

pedagógico”. A professora proporciona a entrada desses materiais e eles constituem o ambiente a fim de proporcionar diferentes práticas e vivências na busca por transformar o espaço em um lugar para e com os bebês.

A pesquisadora também manifesta uma preocupação com os espaços externos, no sentido de que eles sejam pensados para os bebês com o intuito de proporcionar uma relação com as demais crianças e outros espaços disponíveis na creche. Os bebês possuem uma passagem para o espaço externo por uma porta, porém, esse espaço não é planejado para que eles explorem diferentes elementos e tenham contato com as demais crianças da instituição, pois:

O solário tem um muro alto que impede o acesso das crianças e reduz o seu campo de visão, uma das paredes é recoberta por azulejos para pintura e diariamente as professoras colocavam um equipamento com escorregador plástico neste espaço. Os bebês e suas professoras eram os únicos com acesso a esse espaço e que era vivenciado de modos diferentes. (Rodrigues, 2020, p.132)

Rodrigues (2020, p.184) defende que o movimento realizado pelos bebês nos espaços que faz com que eles transformem o espaço em um lugar que também é seu, onde “o próprio corpo é material e todo conhecimento também se dá por meio da conexão com o mundo. O perambular é uma prática material e produtora de saberes” e a garantia desses espaços onde eles podem se mover, estabelecer as relações e passar a perceber e a se apropriar das vivências no mundo. Destacamos aqui um trecho retirado do diário de campo da autora em que ela narra a interação de algumas bebês e as suas vivências a partir do que chegava até elas através da janela:

As crianças foram deixando o “espaço da coleção” de acordo com seu próprio ritmo. A Nathiely e a Allicia estavam sentadas no fundo da sala com o suco, momento em que a Beatriz e a Yasmin se aproximaram. O som de um avião fez com que a Beatriz e, em seguida, a Yasmin parassem para olhar para a janela. Elas permaneceram olhando até o momento em que o som terminou. Logo após, a Beatriz voltou a aproximar-se das meninas sentadas sob as almofadas e a Yasmin me viu e caminhou na minha direção. Ela parou na minha frente com as mãos em meus joelhos e, após um momento de silêncio e troca de olhares, perguntei-lhe se ela tinha ouvido o avião. Ela olhou para mim e em seguida para a janela. Ela estava atenta ao que acontecia e notou o som de um carro que passava próximo ao CMEI, o som não estava alto, mas ela começou a dançar. Dançou até não escutar mais o som. (Diário de campo dia 6 de junho de 2019). (Rodrigues, 2020, p. 201)

Deste modo fica evidente que os bebês sinalizam o desejo de conhecerem o mundo e vivenciarem intensamente o que é possibilitado a eles, e isto vai ao encontro da ideia de que o espaço destinado a eles torne-se realmente um lugar deles, proporcionando o seu desenvolvimento integral a partir do que eles nos comunicam, pois, “ a ideia de materialidade

vem, desta forma, atravessada por coisas que a princípio aparentam ser imateriais, como a sombra, luz, sons e cheiros.”(RODRIGUES, 2020, p.200).

O último trabalho a ser analisado nesta categoria é o de Evangelista (2021), nele a autora destaca que o espaço e as materialidades são fundamentais na construção dos conhecimentos e aprendizagens, considerando espaços internos e externos. Ela baseia seus conceitos acerca do espaço nos estudos de Forneiro *apud* Zabalza (1998). Vale ressaltar que este trabalho ocorreu no período da pandemia do COVID-19<sup>6</sup> e por este motivo as análises ocorreram baseadas no questionário elaborado pela pesquisadora e de acordo com as respostas obtidas por professoras de diferentes instituições escolares.

A autora afirma que além da sala referência é preciso considerar outros ambientes destinados aos bebês, já que o espaço possui um caráter de terceiro educador, onde se desenvolvem ricas experiências considerando o bebê como um ator social de direitos que está se apropriando das vivências a ele proporcionadas, tanto nos espaços internos, como nos externos. Ambos espaços contribuem para a independência, a autonomia e a segurança do bebê nos espaços a eles disponibilizado. Evangelista (2021) destaca a importância do espaço externo para os bebês, pois:

Reconhecer o espaço externo como potencializador na Instituição de Educação Infantil possibilita a coletividade e a troca de experiências entre crianças da mesma idade e de idades diferentes, e com os adultos. Assim como os demais espaços, não são neutros e, por esse motivo, necessitam de uma organização, visando respeitar as necessidades e desejos das crianças. É preciso planejar o espaço externo para assegurar que as experiências sejam tanto prazerosas quanto significativas para os envolvidos (Evangelista, 2021, p.97)

Destaca-se ainda que é no espaço interno, de acordo com os questionários respondidos pelas professoras, que é ofertado um maior número de materialidades, tendo a sala de referência como ponto de partida:

Armários, televisão, dvd, bebês conforto, poltrona para amamentação, colchonetes, berço que virou um sofá, rede. (Professora G)  
Caixa de brinquedos com bolas, chocalhos, bonecas, carrinhos, caixa com potes e módulos de encaixe, mesa com obstáculos (cama de gato), tecidos para brincar de esconde, livros etc. (Professora J)

---

<sup>6</sup> A doença provocada pelo SARS-CoV-2 ficou conhecida como COVID-19 e se tornou um problema de saúde pública mundial. Espalhando-se rapidamente, atingiu todos os continentes ainda nos primeiros meses de 2020. No dia 11 de março, a COVID-19 foi caracterizada como uma pandemia pela OMS. Para conter o avanço da doença pelo mundo, várias cidades suspenderam eventos e aulas, além de fecharem suas fronteiras. Em algumas regiões, foi adotado o lockdown, uma medida rígida que se caracteriza pelo bloqueio total de uma área, limitando a circulação de pessoas. (SANTOS, 2021)

Tatame, almofadas, bichinhos de pelúcia, bolas, brinquedos de borracha e de encaixe, brinquedos sonoros, mordedor, chocalho, garrafas sensoriais, brinquedos de empurrar e livro de plástico e de tecido. (Professora M)

Brinquedos internos como escorrega, cavalinhos, casinha, bebê conforto, cadeiras, mesas, móveis, animais de borracha, de plástico, entre outros. (Professora N)  
(Evangelista, 2021, p.91)

O questionário aborda a disponibilidade dos materiais não estruturados às crianças e em que momento esses materiais são ofertados. De acordo com as respostas obtidas pela autora, nota-se que esses materiais são disponibilizados, geralmente, em atividades realizadas no espaço externo. (Evangelista, 2021, p. 93)

Notamos que em ambas as pesquisas o espaço é um tema de grande destaque, afinal é por meio dele que as relações, as interações e as vivências ocorrem, por isso buscamos compreender a importância desses espaços pensando no desenvolvimento integral dos bebês, levando em consideração as suas especificidades. Os espaços por muito tempo não foram compreendidos como um aliado das práticas pedagógicas, principalmente aqueles voltados para os bebês mas, a partir dos anos 90, quando os bebês passam a ser vistos como sujeitos essa realidade muda e se torna fundamental pensar nos espaços e no modo como as materialidades serão dispostas para eles, com o intuito de que se sintam pertencentes a este local e que as crianças se identifiquem como o protagonista da sua aprendizagem. Vale ressaltar que os espaços internos por sua vez são limitados e que também por este motivo é necessário explorar os espaços externos, que além de proporcionar maior interação, convida o bebê a conhecer e experimentar as mais variadas sensações que o contato com o mundo pode oferecer.

#### **4.2 A construção do planejamento das educadoras, a partir de uma percepção da importância dos diferentes espaços para e com os bebês**

Iniciamos a discussão em torno desta categoria que destaca a importância do planejamento do/a professor/a para desenvolver um ambiente que proporcione práticas que assegurem direitos aos bebês atentas a de um de nossos objetivos: refletir sobre os indicativos dessa produção para o processo educativo-pedagógico com bebês nas instituições de educação infantil.

As produções científicas localizadas nesta pesquisa, trazem valiosas contribuições acerca da construção do planejamento, e uma delas refere-se à importância de organizar

diferentes espaços para e com os bebês, compreendendo-os como uns atores sociais, e na visão de que o planejamento deve pautar-se na busca pelo reconhecimento desses sujeitos.

Máximo (2018) destaca a “importância de seleção de objetos a partir dos interesses e necessidades das crianças” buscando deste modo trazer propostas que instiguem o bebê a perceber o espaço da creche como um local que o acolhe.

Nas interações e por meio da vivência de experiências diversas oportunizadas pela atenção do adulto aos arranjos espaciais, seleção e ofertas de materiais e intervenção a partir da observação das ações dos bebês, os mesmos tiveram oportunidade de fazer escolhas, traçar os rumos dos processos interativos, desenvolver capacidades comunicativas e relações sociais, avançar nos modos de brincar e se movimentar e mais do que isso, puderam deixar marcas de sua presença no berçário.(Máximo, 2018, p.139)

Por meio das observações e ações realizadas em sua pesquisa, a autora nos revela a importância de observar as práticas pedagógicas, uma vez que os bebês nos fornecem indicativos de como estas práticas estão acontecendo na relação com o outro, com o espaço e com os materiais. “A partir da exploração dos bebês, conforme demonstra o registro da estagiária, os adultos passaram a ver a estante como equipamento que poderia contribuir com o desenvolvimento motor dos pequenos.” (Máximo, 2018, p.107).

Silva (2018) nos apresenta o modo como as crianças transformam o espaço por meio de suas interações, a exemplo do brincar, em que o bebê se torna protagonista acompanhado pelo olhar atento da educadora e por uma perspectiva de planejamento participativo, em que a intencionalidade pedagógica para e com o bebê procura transformar o espaço em um terceiro educador.

[...] bebês e educadoras redesenham formas de exploração e atuação nos espaços do berçário. A inquietação própria de um corpo disposto a investigar todos os cantos e recantos da creche elucidou um dos desejos mais autênticos do universo infantil: a organização de espaços e práticas que favoreçam, incentivem e apoiem as ações corporais das crianças. Foi defendendo este propósito que os bebês, em vários momentos da rotina investigada, “questionaram” as atividades planejadas pelas educadoras, demonstrando (para elas) que as brincadeiras, interações e explorações desenvolvidas nos arranjos espaciais sustentavam-se segundo os seus interesses e motivações – e não os dos adultos. (Silva, 2018, p. 215)

Portanto, de acordo com a autora, é importante perceber o espaço como um integrante da prática pedagógica, visto que, estimula a autonomia dos bebês, as interações, a criatividade e as relações (Silva, 2018, p. 110). É nesse sentido que se compreende a “organização dos espaços como o terceiro educador, oportunizando a atenção individualizada, a ampliação de vivências, de aprendizagens e das relações” (Silva, 2018. p.122- 123).

Lima (2019, p.52) posiciona o seu olhar atento de pesquisadora às boas práticas docentes, evidenciando em sua pesquisa que “[...] a professora investigada, diariamente, oportunizava uma variedade de estratégias de ensino, possibilitando aos bebês diversas explorações e, por conseguinte, aprendizagens.” demonstrando que o foco da docente era transformar o espaço em um lugar destinado aos bebês, pois o planejamento era pautado de acordo com os seus interesses. A professora, em suas práticas, demonstrava respeito ao tempo e aos interesses dos bebês, principalmente nos momentos de exploração, descoberta e nas brincadeiras.

“Ao final dessa ação, necessito lhe dizer que, a cada dia que passa, me encanto mais e mais com a postura investigadora desses bebês. Você viu? Eu não preciso falar nada, pois eles estão sempre disponíveis. O desejo pela aprendizagem é latente e constante”. A reflexão apresentada é a fala da professora que, após perceber a finalização da estratégia de ensino que planejou para os bebês, mostra-se realizada sobre as suas concepções pedagógicas. Assim como ela, eu também me encantei com a curiosidade e o incessante desejo por novas descobertas apresentadas pelos bebês ao longo da estratégia. Face ao exposto, preciso salientar que o conhecimento construído por eles é significativamente proporcionado por suas livres explorações, ou melhor, pela postura autônoma evidenciada por cada um dos bebês, que se mostraram encorajados a experienciar, mesmo sem ouvir a voz de comando da professora, mas é como se, em silêncio, ela lhes dissesse: “aproximem-se, conheçam e explorem. Eu confio e acredito na competência e nas potencialidades de cada um de vocês”. (Relato do diário de itinerância, 02/05/2018). (Lima, 2019, p.77)

Em sua pesquisa a autora demonstra o quanto é importante para o planejamento a valorização da escuta e a observação dos bebês, pois, por meio dessas ferramentas torna-se possível planejar com os bebês:

Ao longo das minhas investigações, notei que os bebês se percebiam como livres para explorar o ambiente de aprendizagem de acordo com os seus interesses. Dessa forma, enfatizo a postura da professora, pois, durante as minhas observações, em nenhum momento, salvo as situações de extremo conflito ou risco para a integridade física dos bebês, ela controlava ou direcionava as ações que eles deveriam, ou não, desempenhar. (LIMA, 2018, p.116-117)

Masson (2019) também destaca o planejamento e a organização dos espaços como uma convergência encontrada em sua pesquisa:

A importância do planejamento e da organização dos espaços com intencionalidade educativa tendo em vista que isso tudo depende diretamente da concepção que cada instituição escolar e educador têm de bebê, de criança, de infância e de Educação Infantil, em boa parte já consolidadas na sociedade. (Masson, 2019, p. 125).

Entretanto, a autora compreende por meio de sua pesquisa que o planejamento deve ser pensado de uma maneira ampla, desde a instituição escolar, até a sala de referência. O

planejamento precisa ser pensado com intencionalidade educativa, percebendo os sujeitos que ali estão como participantes do planejamento. Se a concepção adotada for de bebês como sujeitos, as próprias ações destes podem colaborar no planejamento e organização tanto dos espaços como dos tempos, agrupamentos, materiais e objetos nas práticas educativas da creche. (Masson, 2019, p. 126.)

Rodrigues (2020) traz em seus achados de pesquisa a questão do planejamento voltado para os espaços, e ressalta as possibilidades de participação dos bebês no planejamento:

Como uma marcação temporal e espacial, cada um desses momentos traz consigo um repertório distinto de palavras, de uso dos objetos, de disposição dos mobiliários. Como apontado acima, os bebês notam esse uso distinto das coisas e passam a se relacionar com os adultos, pares e as coisas a partir desses significados sociais. Nesse sentido, a atenção dada pelas professoras às condições em que ocorrerão esses rituais pode favorecer a participação dos bebês na vida da creche à medida em que a suas ações e a forma como eles fazem o uso funcional dos objetos é considerada neste planejamento. (Rodrigues, 2020, p. 229).

Deste modo, ao oferecer as materialidades aos bebês eles demonstram seus interesses, com quem, com o que e onde interagir, e assim, se apropriando do espaço pelo perambular e pelo explorar:

No exercício de construirmos lugares para os bebês precisamos, portanto, imaginar que a escola real irá surgir a partir das ações dos sujeitos que a ocupam e das contínuas transformações da matéria. Haverá luzes, texturas e sons que não serão previstos e que irão convocar os bebês a elaborarem respostas. Elas, por sua vez, estarão conectadas ao corpo e ao movimento e cada bebê irá expressar-se a partir de um conjunto de elementos diversos, como suas competências corporais, marcas da cultura, de gênero, de raça e repertórios pessoais. Da mesma forma, é fundamental que essas questões sejam consideradas tanto nos projetos arquitetônicos quanto na organização dos espaços. (Rodrigues, 2020, p.201)

Finalizamos esta categoria com o trabalho de Evangelista (2021, p.126), que destaca, ao observar os planejamentos das docentes, que ainda possuem a presença de práticas engessadas (momentos de higiene, descanso e alimentação), voltadas para a rotina do bebê na instituição, mas “[...] grande parte das profissionais demonstra preocupação em perceber através da escuta, de observações, registros e avaliações as especificidades do grupo de bebês.” Uma vez que, o centro do planejamento são os bebês, seu desenvolvimento e aprendizagem, descobertas e explorações. Ao salientar a importância do planejamento e organização dos espaços, a autora questiona se as materialidades são acessíveis para que as professoras possam utilizá-las com os bebês:

Em resposta a essa indagação, metade das profissionais afirmaram que “sempre” têm acesso a todas as materialidades dispostas aos bebês, porém, a falta de acessibilidade de todas se torna inquietante, afinal, promover espaços ricos em experiências, requer

do docente o reconhecimento das “ferramentas” que lhes pode proporcionar tais ações. (Evangelista, 2021, p.87).

Portanto, podemos dizer que as dissertações encontradas possuem como um ponto de convergência o olhar do docente para e com o bebê, propondo assim o planejamento participativo, com o intuito de proporcionar a ampliação de experiências desses sujeitos e a transformação dos espaços em um lugar deles e para eles.

### **4.3 O espaço, as interações e o brincar dos bebês.**

Nossa última categoria busca contemplar as relações e interações que ocorrem no espaço e muitas dessas interações iniciam-se por meio do brincar proporcionando interações entre o bebê/espaço, bebê/materialidades, bebê/bebê e bebê/professora. Esse é um ponto que converge entre as pesquisas e ganha destaque em.

Vieira (2018, p.182) destaca a sua concepção de que o espaço-ambiente se “constitui por ofertas às interações das crianças, desencadeando processos dos quais derivam suas relações – acerca dos elementos materiais e entre sujeitos”.

As observações e registros de Máximo (2018) nos apresentam interações ocorridas em dois momentos distintos, no primeiro ela estava somente observando a sala e as práticas pedagógicas e, no segundo, ela realiza uma intervenção. As interações, estão na centralidade da pesquisa, que analisa a forma como o espaço pode ou não proporcioná-las. A autora aborda o conceito de zona circunscrita, onde o bebê passa a ter maiores interações com o espaço e o mobiliário disponível, e desta forma o bebê passa a sinalizar suas preferências, como gostaria de ser compreendido, tornando o ambiente mais favorável às interações e trocas. De acordo com a autora

o professor não tem condições e não deve assumir, o tempo todo, o papel de estruturador das atividades, os próprios bebês podem assumir o papel de iniciar e dirigir as brincadeiras desde que seja dada a condição de atuarem em pequenos grupos, estarem próximos uns aos outros e terem acesso a materiais adequados à faixa etária. (Máximo, 2018, p.139)

Silva (2018) em sua pesquisa também contempla esta categoria, pois destaca a importância do espaço como um terceiro educador, sendo fundamental para proporcionar as

interações dos bebês. A pesquisadora destaca ainda a importância do brincar, e de como a sua intervenção pelo “móbile dos saberes” proporcionou um ambiente de trocas e descobertas por meio da brincadeira.

Por meio do brincar as crianças se encontram, delineiam interações, fortalecem os vínculos afetivos. As interações sociais são destacadas, seus movimentos corporais e expressões faciais revelam que os bebês estão imersos em um contexto lúdico, configurado por um espaço que sustenta suas motivações e interesses: olhares, sorrisos, correrias e toques são algumas pistas dadas pelo grupo para esclarecer esta acepção. (Silva, 2018, p.167)

A partir de seus relatos e registros podemos identificar diferentes situações que proporcionam as mais diversas interações aos bebês, sejam elas com o ambiente, com as professoras ou com o outro bebê ou simultaneamente.

Lima (2019) ressalta em suas análises que pôde observar que as interações ocorriam por meio de brincadeiras e o quanto elas são valiosas para os bebês, desde uma proposta realizada pelas professoras, pela oferta das materialidades:

Quando os bebês chegaram no pátio, acompanhados pela professora e auxiliares de classe e encontraram as tintas, encantaram-se. Foi uma verdadeira diversão. Pintaram os próprios corpos, os corpos dos colegas, o chão, a parede de cerâmica, enfim, o pátio da instituição ficou totalmente colorido. Notei que alguns bebês não se interessaram pelo material disponibilizado, e a professora, com muito cuidado, em momento algum forçou que eles pegassem na tinta, corroborando com as suas próprias decisões. A estratégia de ensino durou o tempo estipulado pelos próprios bebês, no qual eles brincaram, sorriram, exploraram, pintaram e/ou se afastaram do material, que foi experimentado de acordo com as suas próprias impressões e desejos. (Relato do diário de itinerância, 30/03/2018.). (Lima, 2019, p. 70)

É possível compreender que os bebês e as crianças de um modo geral, necessitam destas interações para o seu desenvolvimento social e cultural, e a partir disso compartilham os seus saberes e abrem a possibilidade de conquistar novos. Na pesquisa fica evidente a importância do olhar do educador para favorecer o ambiente e proporcionar situações que favoreçam essas interações, sempre respeitando e acolhendo os bebês.

Masson (2019), em seu primeiro eixo, nomeado de “Espaço como oportunidade de interação, mediação e acesso à cultura”, traz em sua pesquisa uma perspectiva de interação proporcionada pelo espaço, para que deste modo seja possível que os espaços propiciem interação entre os bebês, seja consigo mesmo, entre seus pares, com o adulto ou com os objetos, favorecendo assim, o acesso à cultura (Masson, 2019, p.25).

Entre as contribuições das produções científicas selecionadas para a presente pesquisa, pode-se perceber que o espaço é uma oportunidade para que os bebês interajam, bem como acessem a cultura, considerando que cultura é tudo aquilo que o ser humano criou ao longo da história, seja de ordem material (ferramentas, máquinas, objetos, roupas, mobílias, objetos, etc.) ou imaterial (hábitos, costumes, língua, conhecimentos, artes, etc.).(Masson, 2019, p. 99).

Rodrigues (2020, p.227) compreende o espaço como um grande potencializador das interações, sejam eles os espaços internos ou externos, e ressalta as contribuições das materialidades ofertadas para a construção do bebê como ator social, pois “ é um processo marcado pela construção de narrativas que permitem aos bebês ler o mundo e produzi-lo ao atuarem com os objetos, interagindo com a matéria e mobilizando os significados culturais que os envolvem.”

Fica evidente também que a autora compreende o brincar como um potencializador das interações, seja com as materialidades, com o espaço ou com o outro, e levando os bebês a coreografar no ambiente, através do perambular, das experiências compartilhadas que caracterizam o processo de construção do lugar para e com os bebês.

[...] no brincar vemos como se ampliam as possibilidades de exploração e interação com as materialidades ao potencialmente desvinculá-las dos rituais e dos códigos que as envolvem a fim de inseri-las na coreografia do brincar, também. Em outros eventos do brincar vemos como as palavras e a observação da ação dos outros bebês também podem participar da coreografia. Compreender o brincar como uma prática situada implica em reconhecermos a pluralidade de processos que ocorrem simultaneamente e que deixam suas marcas no evento do brincar. (Rodrigues, 2020, p.247)

Em seu diário de campo a pesquisadora descreve a curiosidade e as trocas realizadas nos episódios em que os bebês têm contato com o mundo para além das paredes da sala de referência, isso é evidenciado no registro do dia 12 de julho de 2019, em que uma bebê interage com o ambiente por meio dos sons, cores, falas, pelo movimento de seus corpo:

Estava sentada ao lado do portão do solário quando notei que a Yasmin apontava para o céu, olhei para cima e demorei para escutar o barulho do avião. O espaço pareceu expandir-se com a sua passagem, pois ela estendeu os braços para cima e voltou o rosto inteiro para o céu. Permaneceu assim até perdê-lo de vista. Ela aproximou-se do portão e começou a pendurar-se nele e a mexer no trinco quando escutou um ruído, parou, espantou-se, procurou no céu e depois olhou para a frente. Notou que estavam cortando a grama ao lado da calçada e apontou nessa direção. (Rodrigues, 2020, p. 203)

Evangelista (2021, p.10) considera imprescindível compreender as interações dos bebês, identificar as manifestações expressivas no dia a dia educativo e discutir a pertinência e o sentido das materialidades dispostas nas unidades educativas.

A autora compreende que por meio das materialidades o bebê está se desenvolvendo e aprimorando sua capacidade de escolha e autonomia,

De acordo com a Prof M, a relação entre as materialidades e as práticas pedagógicas ampliam as oportunidades dos bebês em participarem ativamente do dia a dia educativo, dando “lugar ao desejo e à criação, despertando a curiosidade e possibilitando que as crianças se relacionem entre os pares e os objetos, a partir da interação com as materialidades”. (Evangelista, 2021, p. 123).

Portanto ao relacionar as materialidades como práticas pedagógicas está sendo oferecida aos bebês uma prática que possibilita que se tornem sujeitos ativos, pois, por meio de suas interações e do brincar “a criança vai se relacionar com o mundo, com as formas e com os sentidos”. (Evangelista, 2021, p.123)

Sendo assim, podemos destacar que as pesquisas analisadas nos indicam a importância das interações que os bebês realizam, seja entre si, o outro, com o adulto, com o espaço, suas materialidades, e que o principal propulsor para que estas interações ocorram é o brincar, fundamental para o desenvolvimento integral do bebê.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo desta pesquisa consistiu em realizar uma análise da produção científica que trata da organização dos espaços e materialidades oferecidas aos bebês em instituições de Educação Infantil, com o intuito de compreender como esses espaços convidam o bebê a desenvolver e ampliar suas experiências, interações, brincadeiras e linguagens, e fizemos muitos achados que se aproximam de nossas indagações nas dissertações encontradas, como destacamos em nossas categorias de análises.

Por meio das análises das dissertações foi possível perceber que as concepções ou perspectivas sobre bebês e sua educação nos espaços e ambientes das instituições de educação infantil vêm mudando, as pesquisas recentes, na área de Educação Infantil, buscam refletir sobre os espaços voltados para esses sujeitos. Essas pesquisas, defendem que os bebês possam participar, interagir e modificar, a partir da compreensão de que as crianças são produtoras de

cultura, seres sociais inseridos em contextos sociais e culturais diferenciados, que estabelecem relações sociais diversificadas, que trazem consigo vivências e experiências únicas, que são sujeitos ativos, que influenciam, modificam e interagem com o espaço e com o ambiente que está à sua volta.

O brincar foi um ponto tênue encontrado em nosso estudo, pois como as pesquisas nos revelam, entre várias outras ações, exige o planejamento de tempos e espaços, de modo a possibilitar a exploração de curiosidades e a ampliação de experiências, pois o brincar das crianças vai muito além do que conseguimos visualizar durante o “ato de brincar”, envolvendo imaginação, criatividade, ludicidade e infinitas possibilidades; mas para ampliá-lo cabe aos professores planejar e organizar os espaços, os tempos, além de participar e observar as crianças no decorrer de suas interações lúdicas.

Compreende-se, no entanto, que esta ampliação não cabe somente aos professores, está relacionada à expansão do financiamento da educação pública de forma a possibilitar melhorias nos espaços que são ofertados aos bebês, incluindo o mobiliário, a estrutura das salas, se nelas há uma boa iluminação, se são arejadas, bem como a aquisição de objetos e diversas materialidades adequadas à educação das crianças de 0 a 5 anos, que possam proporcionar a eles variadas sensações e experimentações de diferentes texturas, cheiros e gostos.

A análise dos espaços, é responsabilidade também da equipe da instituição como um todo, que deve refletir sobre questões relacionadas à organização espacial. Deste modo, as profissionais se sentirão amparadas e com autonomia para a tomada de decisões, sabendo que terão o suporte necessário para realizar seu planejamento.

É fundamental, portanto, que as(os) professoras(es) de educação infantil tenham consciência de que o bebê conhece o mundo a partir das relações sociais estabelecidas e uma das importantes formas de fazer isso é movimentando-se e explorando objetos de seu cotidiano, deste modo diversificando e complexificando os modos de brincar junto a outros bebês e adultos construindo suas interações e deste modo ampliando seus conhecimentos e o modo como compreendem o mundo.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: edições 70, 2007.

BRASIL, Secretaria de Educação/MEC. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. 2009. Brasil.

BRASIL, Secretaria de educação/ MEC. O Cotidiano na Educação Infantil. Programa Salto para o Futuro. In: CORSINO, Patrícia. **Proposta Pedagógica**. Boletim 23. Novembro 2006. TV Escola. Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.escolasapereira.com.br/arquivos/175810Cotidiano.pdf>. Acesso em: 17 de jul. 2022.

EVANGELISTA, Lidiane Pereira. **A relação entre as materialidades e os aspectos estruturantes na docência com os bebês na rede municipal de ensino de Florianópolis**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Santa Catarina. Florianópolis/SC. 2021. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=11029310#](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11029310#). Acesso em: 01 out. 2022

FORNEIRO, L. I. **A organização dos espaços na Educação Infantil**. In: ZABALZA, Miguel A. Qualidade em educação infantil / Miguel A. Zabalza; tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, p. 288, 1998. p. 229-281.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

LIMA, Aline Dayane dos Anjos. **Encontros, trocas e interações: potencialidades do ambiente de aprendizagem para a construção do conhecimento de bebês**. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Ensino. Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES. Lageado, 2019. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/e43804da-a771-422d-a6df-aa0611700763/content>. Acesso em: 01 out. 2022

MASSON, Giseli Alcasas. **Os espaços dos bebês na creche: contribuições das produções científicas brasileiras (2009-2018)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2019. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=9243177#](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9243177#). Acesso em: 01 out. 2022.

MÁXIMO, Luciana Perpétuo. **Ações dos bebês em diferentes formas de organização do espaço e materiais em um ambiente de creche**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos e Processos Educativos. Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto/SP: 2018. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/155936/maximo\\_lp\\_me\\_sjrp.pdf?sequenc e=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/155936/maximo_lp_me_sjrp.pdf?sequenc e=3&isAllowed=y) . Acesso em: 01 out. 2022

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

RODRIGUES, Ana Julia Lucht. **A creche como um lugar para e dos bebês: uma reflexão sobre suas ações e a(s) materialidade(s)**. 40., 2021, Belém do Pará. Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPED (2021). Curitiba - Pr: Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. 5 p. Disponível em: [http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos\\_32\\_10](http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_32_10).. Acesso em: 06 jul. 2022.

RODRIGUES, Ana Julia Lucht. **Materialidade(s) e os bebês: um estudo sobre suas ações e a construção do espaço da creche**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba/PR. 2020. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=10682453#](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10682453#). Acesso em: 01 out. 2022

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. COVID-19. **Mundo Educação**, 2021. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/doencas/covid-19.htm> . Acesso em 11 dez. 2023

SILVA, Viviane dos Reis. **O que pensam as educadoras e o que revelam os bebês sobre a organização dos espaços na Educação Infantil**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-Graduação em Educação. São Cristóvão/SE: 2018. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/9002> . Acesso em: 01 out. 2019.

SODRÉ, Liana Gonçalves Pontes; SANTANA, Djanira Ribeiro. Políticas públicas e estudos sobre o espaço físico para a educação infantil. **Revista FAEEBA – Ed. e Contemp.**. Salvador, v. 27, n. 52, p. 139-154, maio/ago. 2018.

VIEIRA, Daniele Marques. O espaço-ambiente em uma perspectiva estético-didática para pensar a prática educativa e o currículo na educação infantil. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 19, n. 40, p. 161-183, maio/ago. 2018.